

André Lemos



DESASTRES

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2021



Desastres

Sai para andar. Andando, pensa. Roda em círculos. Quer rotina, mas que coisa mais tosca é uma rotina. Fica absorta no momento, o pensamento vagando por lugares frios e aquáticos, nublados e chuvosos, às vezes tenebrosos e escuros, claros e escusos.

As coisas acontecem como desastres pequenos ou catastróficos e nesses momentos é bom saber agir, seguindo soluções iminentes, sem transcendências ocultas. As pequenas falhas engendram acontecimentos legítimos. Ilusão esperar que nada aconteça nas insinuantes rachaduras imperceptíveis do tempo e do espaço. Elas minam as estruturas e promovem mudanças.

Grandes desastres, como uma explosão nuclear, a queda de um avião com 300 passageiros, ou o descarrilamento de um trem em alta velocidade, pensa, são óbvios, não interessam. As pequenas falhas do mundo fazem a vida ser auscultada, percebida, experimentada.

Para lidar com o imponderável, Joana lista tudo que pode para minimizar as desordens radicais, mas só acumula dúvidas e dívidas frente ao mundo em franca decomposição. Pandemia, imobilidade, morte.

Com o caderno na mão, grava as mínimas possibilidades de escape. E bate aquele vento infeliz que o faz voar desgraçadamente caindo justamente na única poça d'água criada pela goteira do ar condicionado de um prédio em ruínas. Poça imprevista na lista, tinta que se vai deixando o reflexo na água suja do seu rosto assustado e indeciso.



Malabares

Estamos no carro, parados no sinal de trânsito com o ar condicionado a toda potência, as portas travadas por segurança, as películas dos vidros de bloqueio total e sonatas de Domenico Scarlatti tocando, para nos retirar de vez dessa cidade. Um de nós, no banco de trás, grita assustado ao ver chegar pela esquerda o que agora se mostra como um morador de rua, maltrapilho, sem dentes, descalço, vestindo um calção rasgado. Ele passa pela lateral do carro, aproxima-se dos que estão à frente, beija o capô do Audi ao lado do nosso, nos olha para garantir também um trocado e sorri com a boca banguela. Não é um assalto, apenas um incômodo por sermos catapultados para a realidade crua da rua.

O pedinte começa o espetáculo. Prestamos atenção como uma forma de diminuir um pouco a culpa de ter, pelo susto, lhe acusado de ser um assaltante. Sim, daremos umas moedas ao final. O tempo suspenso parece longo, embora, até agora, tenham se passado poucos segundos.

Ele pega dois malabares e começa a jongar sem nenhuma técnica ou habilidade. Tudo precário, sem treinamento ou técnica apurada, movimentos desajeitados, como animais na jaula de um

zoológico pedindo um pouco de atenção e comida. Nenhum deles cai, apesar dos gestos banais e irregulares. Tudo torto.

Muita luz lá fora, um brilho que cega em contraste com a opacidade da boca e do seu sorriso triste. Inferno sob um sol escaldante. O sol agride a lataria dos carros, emanando uma nuvem de calor. O asfalto chega a ser azulado de tão quente. Os vidros das janelas continuam fechados, protegidos pelas películas e mantendo o frescor interior.

A performance dura exatamente o tempo que o permite passar correndo pedindo dinheiro antes que o sinal libere os carros e seus indiferentes motoristas. Passa com a mão de pedinte (nem tem um chapeuzinho). Nenhum carro abre o vidro. Nem nós. Sem nada, afasta-se, rasgado e mais fraco. Faz uma reverência, sorri mais uma vez sem dentes e volta invisível para o lugar misterioso de onde saiu.



Biscoitos finos

No interior há díspares objetos desviando a atenção sobre o que vim fazer aqui: relógios nas paredes, quadros com fotos de grãos de café e retratos antigos de família (serão da família dos proprietários, ou apenas estão lá para parecer caseiro?), palavras escritas de forma estilizada em giz dando recado aos clientes sobre o que pedir, sobre o que pensar, sobre o que fazer, máquinas de café expresso exalando aromas deliciosos, ar condicionados com os pequenos ruídos dos seus *splits*, abajures e luzes difusas dando um acolhimento quente aos barulhentos (mas nem tanto) consumidores, pontos sombrios sem ninguém, mesas e cadeiras e xícaras e pires e bules e computadores e máquinas registradoras, balcão de produtos (bolos, biscoitos, pães, doces...) parecendo uma fazenda do interior, espelhos nas pilastras e azulejos em algumas paredes com cores variadas, vermelho e verde, montados na base de um chão de cimento queimado, cristaleiras com mais bules, xícaras, pires, colheres e garfos de prata, lustres de vidro simples. Há uma varanda em um mezanino com mais cadeiras e mesas e xícaras e pires, uma balança sem uso e panelas, tachos e cestas em prateleiras nas paredes externas, e um pequeno jardim em um canto.

Nessa calma dos objetos, entram dois jovens nervosos, desesperados, com arma em punho e anunciam o assalto. Parece a

primeira cena de *Pulp Fiction*. Pessoas mais nervosas do que os assaltantes ficam paralisadas. O ruído cessa e ouço apenas o movimento das paletas dos *splits*. Todos olham para baixo, permanecendo sentados, congelados como os objetos ao redor. Os garçons param o que estão fazendo e parecem esboçar uma reação. Mas nada fazem. O clima é tenso. Estou calmo, impassível, com uma indiferença incomum. Só quero que isso acabe logo para eu poder finalizar o que vim fazer aqui.

Um dos jovens magros e nervosos passa nas mesas roubando tudo o que pode: bolsas, pastas, celulares, carteiras, computadores, *tablets*. O outro se concentra na caixa registradora, colhendo o dinheiro e as poucas folhas de cheque. Sou poupado, como se não estivesse visível. Dois minutos e já estão lá fora. Começa então a valentia e pequenas ações represadas dos que parecem ter agora algo a dizer ou fazer. Correria, gritaria, raiva do povo do café. Continuo invisível. Os garçons se desconcentram e a desordem impera. Aceno e peço um cappuccino, que nunca vem. O evento vai se dissipando gradualmente. Peço uma tapioca para comer com o café, mas ela também não vai chegar.



Futebol de botão

O menino chega no apartamento do Corredor da Vitória ainda encantado com a vista da varanda sobre o imenso mar calmo da baía de Todos-os-Santos. Pega seu campo de futebol de botão de madeira e o coloca no chão. Com o olhar perdido e excitado pela paisagem à sua frente, sem conseguir fixá-lo em nenhum ponto específico (prédios, barcos, píeres...), separa dois times e joga os botões sem nenhuma organização. Pensa: esse vai ser o meu lugar.

Tem 12 anos e não sabe nada sobre o futuro. Deseja mudanças, paz e o fim das discussões e indiferenças. Quer que a estranheza do passado (pois as tensões nunca eram explicadas ou discutidas) fique para trás, como um objeto abandonado, sem uso, ou esquecido na mudança. Quer que a harmonia nunca encontrada no passado em sua cidade natal possa aparecer aqui e agora, como por um milagre. Não são para isso as mudanças?

O campo de futebol de botão está agora no chão da varanda, com os botões ainda desarrumados. Em frente, o terreno baldio que serve de estacionamento e que, anos mais tarde, se transformará em um enorme condomínio de luxo, nesse bairro de luxo, no topo de um barranco coberto por uma vegetação que se esparrama



www.editorapenalux.com.br



almlemos@gmail.com



andrelemos.info



Livros iluminam

Composto em Minion Pro e
impresso em Pólen Bold 90g/m²
em São Paulo para Editora Penalux,
em JULHO de 2021.